

Raízes de Arnaldo Vieira de Carvalho

Duílio Crispim Farina

Consta, em documentos de vários arquivos que o Forte do Itapema ou de Vera Cruz do Itapema já existia no século dezesseis e que cerca de 1670 era seu comandante o capitão Pedro Tacques de Almeida, paulista ilustre, o primeiro que se conhece, e que em 1680 exercia o mesmo comando, o sargento-mor Gaspar Leite da Costa, santista de distinta estirpe. Sua fundação é atribuída por Francisco Martins dos Santos à primeira fase do reinado dos Felipes, por iniciativa dos descendentes de Jorge Ferreira, genro de Ramalho e capitão-mor várias vezes, primeiro senhor das terras onde se erguera.

*“Árvore por Cristo
mais amada que
Cesarea ou
Cristianíssima
chamada”.*

**Luiz Vaz
de Camões**



Busto de Arnaldo Vieira de Carvalho, localizado no pátio da Faculdade de Medicina da USP

Coube-lhe, inicialmente, a defesa imediata da antiga Vila de Santos, secundando a Fortaleza da Vila ou "Monte Serrate".

Reconstruído e aparelhado com artilharia de grosso calibre entre os anos de 1735 e 1738, a expensas do sargento-mor Torquato Teixeira de Carvalho, que em recompensa obteve o posto de comandante da mesma fortaleza, "com soldo e hábito de Cristo por três vidas". Em 1770, o governador D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, dando conta ao governo da metrópole do estado das fortificações da Capitânia, dizia que esta fortaleza do Itapema se achava guardada com 4 peças de calibre 12 e 4 de calibre 8. Também fora comandante da Fortaleza Vera Cruz do Itapema, anteriormente a 1738, o sargento-mor José Tavares de Siqueira, avô materno de Frei Gaspar da Madre de Deus, autor das "Memórias para a Capitania de São Vicente, hoje chamada de São Paulo".

Em 1836 relata o Marechal Daniel Pedro Müller, que este Forte em tempo de guerra tinha uma guarnição de um oficial, dois inferiores, oito artilheiros, vinte e quatro serventes artilheiros e vinte soldados de infantaria.

Os últimos canhões que se viram sobre as muralhas deste Forte, assestados em defesa do estuário santista, datam de 1850.

Pois bem. No recenseamento de 1822 vamos encontrar registro de um Coronel José Antonio Vieira de Carvalho, governador do Forte de Itapema. Morador em Santos à Travessa da Alfândega 4, tinha ele então 53 anos, natural de S. Manuel de Canissada, arcebispado de Braga. Seus ancestrais eram também todos bracarense. Tinha-se consorciado com d. Ana de Jesus, de pais originários da Ilha da Madeira.

Este coronel José Antonio Vieira de Carvalho viria a ser o bisavô paterno de Arnaldo Vieira de Carvalho. Com ele residiam sua esposa d. Ana, seu filho Joaquim de 15 anos, a filha Maria com 18 anos, 4 agregados e 30 escravos. O capitão, depois tenente-coronel Joaquim José Vieira de Carvalho (avô de Arnaldo) foi batizado em Santos aos 17 de julho de 1809

com 8 dias de idade. Veio a se consorciar em São Paulo em 7 de maio de 1829 na chácara do bispo d. Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade, em oratório particular sob a invocação de Santo Antônio, com d. Braziliusa Augusta, natural de São Brás do Campanário, bispado de Funchal.

Esta chácara situava-se na altura da atual rua Santa Rosa, esquina com a do Gasometro, e mais tarde, já em novo prédio construído pelo tenente coronel Lucas Queiroz de Assunção, veio nela se

instalar o primeiro sanatório desta capital por obra do dr. Carlos Botelho.

Palma Guimarães, o completo biógrafo de Arnaldo, dá-lhe o patronímico de "homo Paulopolitanus", ao buscar compor-lhe a figura de germânico fixado na Ibéria e de europeu transplantado ao clima tropical e americano.

No exemplar de Paulista que ele era, ter-se-ia plasmado a força indômita e incontrastável de uma prole alicerçada nas raízes mais antigas da península Ibérica e da Europa.



Entrada principal da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), na avenida Dr. Arnaldo, bairro de Pinheiros, em São Paulo



Carvalho é atinga família portuguesa descendente do instituidor do morgado de Carvalho, no concelho de Penacova, situado nas abas da serra do Carvalho. Vem de tempos anteriores a D. Diniz, o lavrador.

Os Vieiras tinham por arma nas brasónias familiares "em campo vermelho seis vieiras de ouro, em duas palas, realçadas de preto: por timbre dous bordoens de Santiago de vermelho, com aspas, ferrados, com vieira das armas entre elas e atados num torçal de prata". Em heráldica, as vieiras, explica Gustavo Barroso, ou conchas, indicam romagens, peregrinações a Santiago de Compostela, à Terra Santa, mesmo a Roma, da qual veio o próprio nome de romeiros. Costumavam os peregrinos que iam àquela cidade da Galiza trazer, presas às bordas do mantéu ou tabardo, as conchas denominadas de Santiago, que lhes eram dadas como lembrança. As vieiras são o atributo heráldico talvez mais antigo do Reino de Portugal. Há quem as derive do tempo em que o corpo do Apóstolo Santiago milagrosamente aportou à Espanha. É bela a lenda cristã dessas vieiras heráldicas. Passava ao largo da praia de Bouças o corpo do Santo, numa barca conduzida desde Jafa pelos seus discípulos, rumo à Galiza, no ano de 44 da Era Cristã, quando o poderoso Caio Carpo celebrava suas bodas com Cláudia Loba. Corriam cans ao longo do mar vários cavaleiros e, entre eles, o noivo, a fazer alarde de destreza. Seu cavalo tomou o freio nos dentes e, metendo-se pela arrebenção das ondas, desapareceu no mar. Enquanto a noiva se lastimava inconsolável, o animal foi sair com seu amo ao lado da embarcação miraculosa, ambos enxutos e salvos e cobertos de conchas marinhas. Assim voltaram para terra, onde o poderoso senhor, se converteu com sua gente, abraçando a fé cristã. Desse casal ibero-romano descendem os Vieira e as vieiras foram usadas por seus clãs desde o tempo em que o corpo do apóstolo Santiago aportou na Espanha. D. Mauro, na História de Santiago diz que destes "Dous cazados (os pagãos Cayo Carpo e Cláudia, do milagre referido) procedem os Vieiras de Entre Douro e Minho, e dizem que por razão deste sucesso tomaram por armas as vieiras".

O avô paterno de Arnaldo casara, como vimos, na chácara do bispo Manuel Jacinto Gonçalves de Andrade. No governo

de Tomas Xavier Garcia de Almeida, aos 23 de dezembro de 1827, este prelado tivera solene entrada na diocese paulista, como seu sexto bispo, cargo exercido até 1847, em longo reinado. Coube a ele, como vice-presidente, administrar por algum tempo a Província de São Paulo, nos anos de 1828, 29, 30 e 31. Formado em canones pela Universidade de Coimbra, recebera do bispo d. Mateus de Lisboa as ordens sacras, em 1796 e logo após, foi nomeado pelo Governo de Portugal para um canonicato vago na Sé Catedral de São Paulo, por carta régia de 2 de julho de 1796, e, para a dignidade de arcediogo por outra carta de 26 do mesmo mês e ano de 1796, com que se apresentou e fez entrada solene nesta capital a 31 de maio de 1797.

Entrelaçava-se a grei de Arnaldo com o que de melhor tinha a província, quer por parentesco, quer por laços de amizade e convívio.

O progenitor de Arnaldo Vieira de Carvalho, o dr. Joaquim José Vieira de Carvalho, era natural de Santos, onde nascera aos 19 de maio de 1841.

Cursou a Faculdade de Direiro de São Paulo, nas velhas arcadas franciscanas, onde fez matrícula no primeiro ano do curso em 1858. Juiz Municipal em Campinas, deputado provincial nas 22ª e 23ª Legislaturas, lente catedrático de Economia Política em 1881, deputado constituinte de 1891, senador estadual, veio a falecer em 23 de setembro de 1899. Dei-

xou exemplos de trabalho digno, sabedoria e grande cultura.

Nasceu Arnaldo em Campinas, em 5 de janeiro de 1867, do consórcio de seu pai com d. Carolina Xavier, também de ilustre família santista. Na pia batismal da Matriz de Santos recebeu os santos óleos paraninfado pelo cônego dr. Joaquim Manuel Gonçalves de Andrada, sobrinho do Bispo d. Manuel que unira os seus avôs paternos em consórcio matrimonial. O cônego dr. Joaquim Manuel Gonçalves de Andrada, em gradação ascendente seria Monsenhor, Arcediogo Presidente do Cabido e Vigário Capitular, e dirá presente aos fastos da capital da Província por muitos decênios. Cursino de Moura nos conta que "o dr. Joaquim Manuel quando já monsenhor se deleitava, ao lado dos Conselheiros Ramalho, dr. Vicente Pires da Mota e Amaral Gurgel, lentes da Academia de Direito, a ouvir os cantores do harmonioso coro da Sé, afinadíssimo, arregimentadíssimo, uno e claro nas mais intrincadas melodias de cantochão e nos pizzicato os mais engenhosos e difíceis dos salmos". A este grupo costumava se juntar o prof. Joaquim Vieira de Carvalho, pai do fundador da fundador da Faculdade de Medicina.

Rebento excelso de ilustre progenie, velho tronco gótico-romano, Arnaldo continuou a grande contribuição dada por sua gente ao Brasil e à civilização cristã na Península Ibérica.

A PEDRA FUNDAMENTAL DA CASA DE ARNALDO NA COLINA DO ARAÇÁ

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, - a inspiração - a pátria,
O porvir de teu pai! - Ah! No entanto,
Pomba, - varou-te a flecha do destino!
Astro, - engoliu-te o temporal do norte!
Teto, caíste! - Crença, já não vires!

*Cântico do Calvário
Fagundes Varela*

Aos 25 de janeiro de 1920, lançou Arnaldo a primeira pedra, já na colina do Araçá, daquilo que seria, como previu, a afirmação incontestada da ciência médica paulista.

Fazia-o com o coração partido pelo luto recente da morte de um filho. Acabrunhado, não conseguia dissimular a dor. Seu perfil refletia profunda tristeza.

Junto à pedra fundamental do prédio que mais tarde albergaria, por algum tempo a cadeira de Anatomia, e depois a de Medicina Legal, em urna, encerrava-se um pergaminho com os nomes de Arnaldo; Altino Arantes, presidente do Estado; Antonio Lobo, presidente da Câmara dos Deputados Estaduais; Firmiano Pinto, prefeito de São Paulo e Benjamim Reis, secretário da Faculdade.

No dia seguinte, "O Estado de S. Paulo" deu agasalho às palavras proferidas por Arnaldo.

"Começam neste instante a se concretizar as garantias de vida da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

"A terra que há pouco, amarga ironia, fendeu-se para nela sumir uma de minhas mais caras esperanças, abre-se agora para dela emergirem os fundamentos de uma de minhas mais caras aspirações, o edifício especialmente construído para a escola médica paulista, que já é um dos elementos mais eficientes do progresso de nosso Estado, que será sua mais fulgurante glória e cuja organização foi inapreciável honra a mim conferida. Os edifícios que se iniciam são a segurança de duração fecunda e autônoma da instituição fundada pelo Estado. Sem casa própria não pode funcionar bem uma escola, como sem esqueleto logicamente armado, não há organismo bem adaptado.

A Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo viveu até hoje sob as asas protetoras de sua irmã dileta, a Escola Politécnica, ou em casa de aluguel, velhas e inadatas, dispendiosas e feias, ou à sombra misericordiosa da Santa Casa.

Tais contingências não lhe permitiram completa expansão de suas funções, inteiro desenvolvimento de seus aparelhos, realização plena de seus elevados desígnios. Graças ao governo tudo porém vai mudar: iniciam-se os edifícios que serão garantia de longa existência para o nosso instituto de ensino; neles viverá a nossa escola vida integral e livremente progredirá.

O nosso edifício será o templo da nascente religião avassaladora do mundo, dessa síntese de Medicina e Higiene, única que consagra a igualdade, pratica a fraternidade e redimirá a humanidade criando o homem sadio, o homem bom".

Em novembro de 1952, Altino Arantes, na sala da Congregação da Faculdade de Medicina, lembrou com orgulho e saudade, a glória de ter associado seu nome aos primeiros passos da escola, e de ter "ouvido, por fortuna, naquela radiosa manhã, o verbo de Arnaldo".

A colina do Araçá, em recuados dias era simples passagem de tropas e arrieiros, em demanda de Pinheiros – aldeamento de índios – Itu e Sorocaba.

Coberta por arbustos da família das mirtáceas, o araçazeiro, produto de um pequeno fruto acidulado, a colina deles herdou o nome. Abundavam esses frutos em todas as cercanias da atual escola de medicina. Eram os mesmos que cresciam em nosso litoral, ao lado de pitangas, cambucás, amarantos e abíós, quase extintos hoje e mesmo pouco conhecidos.

Martins Fontes escreveu um soneto em que lembra seu nascimento, sob o título de "Minha terra, minha casa, minha gente", com os versos:

**"Era a Chácara um bosque, impenetrável e atro,
Sombreado de araçás, cambucás, amarantos..."**



Fachada da Faculdade de Medicina da USP

Araçá, marco natural do caminho de Pinheiros, a ele se chegava por coleosa trilha. Do Pátio do Colégio, sinceros das madrinhas das tropas ecoavam pela rua Direita, passavam pela Misericórdia e chegavam ao Piques, pela ladeira de São Francisco, frente a Academia de Direito, antes Convento de São Francisco.

No Vale do Anhangabaú ficava o local das pousadas, junto ao largo da Memória, onde se refaziam energias e provisões.

Um obelisco de ingênua beleza, obra de mestre Vicentinho, simples pedreiro, surgiu em 1814, nas proximidades do Piques, onde a baixada vai encontrar o Parredão (atual rua Xavier de Toledo), decorrendo dele o nome do largo e da ladeira da Memória.

O Conde da Palma, lembrando-se de prestar homenagem póstuma a Bernardo José de Lorena, cuidou de erguer-lhe uma "memória", como então se chamava.

Com os restos de material de umas obras de canalização das águas do Tanque do Bexiga – concluído há pouco -, pelo general Daniel Pedro Muller, fez-se o obelisco.

Partindo-se da Memória entrava-se no "Caminho do sertão". Lá adiante, a Consolação e sua Igreja, fundada pelos

devotos de Nossa Senhora da Consolação em 1799, até se chegar à íngreme encosta, cuja base pantanosa, dificultava na ocasião das chuvas, os muare em tráfego para Parnaíba e Pirapora.

Essa longa estrada palmilhada durante séculos pelos nossos avoengos, situava-se em terras de Angela Vieira, estendendo-se até a hoje Avenida Paulista. Segundo Nuto Santana, cobria o Caminho do Aniceto, por onde se ia também para o Pa-

caembu, Emboaçava e Freguesia do Ó.

Os terrenos em questão ficavam para cá do marco da meia légua.

Narra-nos Almeida Prado que em 1893 o Viaduto do Chá, há pouco aberto ao tráfego, dava passagem a bondes de tração animal, os vulgarmente chamados "bonde de burro", que subiam lentos e vagarosos a ladeira da Consolação até o portão do Cemitério, com um par de bestas apenas. "Fazia-se af

pequena parada, para juntar-se outra parrelha, a fim de vencer a encosta, até o topo do espigão divisor das águas das vertentes da Consolação e do futuro Jardim América, terras fora de vila e termo, propriedades de rústicos chacareiros portugueses".

No início do século Eugênio de Lima abriu a Avenida Paulista, no espigão da Caaguaçu, e as ruas que a inter cruzam. Em 1920 já era bairro residencial de elite, a receber os prolongamentos de Campos Elísios, Higienópolis e Vila Buarque.

O comendador Joaquim Egídio de Souza Aranha, depois barão, visconde, conde e marquês de Três Rios, achando-se em janeiro de 1879, à testa da administração da antiga província de São Paulo, como seu vice-presidente, em ofício dirigido à Câmara Municipal, solicitou a cooperação da mesma para levar-se a efeito a construção, na estrada do Araçá, para nele funcionar o Hospital dos Variolosos.

Conta o sempre lembrado, e informativo precioso, historiador Antônio Egídio Martins que "esse grande edifício, hoje um dos pavilhões do Hospital do Isolamento, foi devido aos esforços do marquês de Três Rios, e construído havendo a população paulistana concorrido com avultadas quantias para a referida construção, que importaram em cinquenta e hum contos de réis".

Ao seu lado ficou por alguns decênios o cemitério dos variolosos, no local em que se ergue o edifício dos laboratórios das cadeiras básicas da Casa de Arnaldo.

Portanto, ao ser escolhido o Araçá, para o assentamento das bases estruturais de nossa escola, seguia-se um critério predestinácio do marquês de Três Rios, e assentava-se a estaca primordial, para a construção da cidadela do Ensino Médico em nossa terra.

A estrada do Araçá tomou sucessivamente os nomes de avenida Municipal e avenida dr. Arnaldo.



Turma de formandos de 1949 da Faculdade de Medicina da USP

Duílio Crispim Farina é membro da Academia de Medicina de São Paulo e da Academia Paulista de Letras.

PHILIPPE PINEL

Alienista, precursor da residência médica

Dr. Guido Arturo Palomba

Philippe Pinel (1745–1826) nasceu no seio de uma família modesta de cirurgiões no sudoeste da França, foi educado para ser padre. Saiu de casa e foi para Toulouse estudar ciência, onde conseguiu obter o doutoramento, em 1773. Completou os seus estudos com leituras clássicas, por meio de textos médicos científicos em Montpellier, dedicando-se, aí, aos assuntos inerentes à natureza humana, embora mantivesse grande interesse pelas matemáticas. Apresentou vários trabalhos na Academia de Ciências de Montpellier. Nessa cidade, durante quatro anos, freqüentou regularmente as aulas públicas da Faculdade, a biblioteca, fez visitas diárias ao hospital, onde deixou anotações sobre a história de pacientes internados. À época dedicava-se ao estudo dos clássicos, modernos e antigos. Continuou o mesmo tipo de atividade em Paris e pode-se dizer que em 1793 PINEL era uma das mentes mais ilustres daquela época de grandes produções intelectuais.

PINEL concorreu várias vezes aos prêmios oferecidos pela Real Sociedade de Medicina da França (que na época já não era mais sociedade real) e ao Prêmio Dier. Nunca ganhou. Em 1784 o júri deste Prêmio concluiu assim: *O sr. Pinel tem poucos conhecimentos. É fraco em anatomia, fisiologia, embora melhor, seu trabalho não é notável assim como em cirurgia, tanto na parte teórica quanto prática. Conhece pouca química e um pouco mais de medicina e farmácia. Tem noções adequadas sobre patologia geral mas não sabe lidar objetivamente com assuntos relacionados.* Mais de duzentos anos depois é difícil julgar a opinião do júri, pois é preciso considerar que PINEL era extremamente tímido, não era bom orador, certamente não se saía bem nas provas orais, e é difícil imaginar que tinha poucos conhecimentos básicos de medicina.

Interessante notar que em 1793, quan-



do já gozava de fama entre os seus pares, época em que iniciava a revolução na maneira de encarar o doente mental, PINEL concorrera ao Prêmio da Sociedade de Medicina, que, neste ano, não premiou as obras concorrentes, pois, para a Sociedade, os competidores não apresentaram nada de novo. O trabalho de PINEL foi apreciado por três juízes do concurso: doutores CAILLE, COQUÉREAU e THOURRET. Por outro lado, registra-se que PINEL, um ano antes, recebeu a *prix d'encouragement, honorable mention* (menção honrosa), pelo manuscrito sob o seguinte título: *Indique a melhor maneira de tratar pacientes cujas mentes se desequilibram antes da senilidade.* Esse trabalho foi lido na Sociedade, em 28 de setembro de 1792 (segundo o livro de minutas).

Em 1784 PINEL freqüentava os salões de Madame Helvetius, em Autiuil, no qual médicos e outros discípulos do abade CONDILLAC (1715-1780) reuniam-se desde 1780, até o final de 1790. PINEL foi introduzido neste grupo por GEORGES CABANIS (1757-1808). É de notar que CABANIS enfatizava a relação do corpo com a alma, publicando, em 1802, o livro *Relação entre a natureza física e moral do homem.* É possível que o

marquês de CONDORCET (1743-1794), cunhado de CABANIS, partilhasse essas idéias. Outro visitante do salão era BENJAMIN FRANKLIN, que tentou levar PINEL para a América, não logrando êxito pelo alto senso de responsabilidade patriótica de que PINEL era dotado.

Suas convicções científicas, filosóficas e políticas o levaram a unir-se ao destacado grupo de intelectuais franceses, conhecidos como *Ideologues* (Ideólogos).

Especificamente na área da medicina, esse grupo sentia-se atraído por uma maneira pluridimensional e revolucionária, à época, de ver o paciente, considerando os aspectos físico, mental, social como um todo. Essa concepção acabou gerando, na década de 1790, a grande reforma psiquiátrica, e pode-se dizer que ela é totalmente fruto da expressão mais alta das concepções dos Ideólogos.

O grupo entendia, entre outras, que não deveria haver distinção entre médicos clínicos e cirurgiões, preconizava uma mesma educação para ambos, e igual currículo para todas as escolas de medicina de França. Preconizava ainda o exercício da prática médica como ponto importantíssimo no aprendizado; que o médico, obrigatoriamente, deveria ter conhecimento completo das drogas, alimentação; que era preciso ter com os pacientes cuidados sanitários, higiênicos e suporte moral.

PINEL também pode ser tido como um dos precursores da Residência Médica, uma vez que propunha a divisão dos grandes hospitais em enfermarias, nas quais os médicos seriam treinados, antevendo a formação de especialista, *que trabalharia em tempo integral como chefe de residência do hospital e devotaria os seus esforços para treinar grupo especial de alunos... o chefe de clínica presidiria uma sociedade de pesquisa e publicaria um jornal.* Aos professores desses médicos em formação, para PINEL, o ideal é que abrissem mão do lucro da prática da medicina: a recompensa seria a satisfação de treinar

a geração jovem e promissora e a possibilidade de ter novos conhecimentos.

A integração do ensino da clínica prática no currículo das escolas de medicina, que PINEL e seus aliados advogavam, tornou-se realidade legal, na França, com o Decreto de 4 de dezembro de 1794.

Entre os alunos que PINEL treinou, merecem menção CHARLES SCHWILGUÉ (1774-1808), AUGUSTIN LANDRÉ-BEAUVAIS (1772-1840), JEAN ETIENNE ESQUIROL (1772-1840), FRANÇOIS LEURET (1797-1851). Este último, mais tarde, escreveu: *Os estudantes procuravam Pinel por duas qualidades especiais: sua percepção clínica precisa e sua grande clareza como professor. Quando discutia uma doença parecia ler no livro da natureza.*

PIERRE BAILLY, também aluno de PINEL, disse informalmente em 1802: *M. Pinel é único, ele não consegue dizer duas palavras sem um solução e cura os seus pacientes como qualquer outro o faria, só que prestou um excelente serviço à medicina, treinando tantos médicos, tão bons... as expressões em sua face encolhida ensinaram-me mais do que suas palavras. Reconheço que ele fez de mim um médico, entretanto não sei dizer ao certo como foi: mas na cabeceira dos doentes me ensinou a reconhecer os principais sintomas de cada doença e relacioná-los ao gênero e espécie em seu quadro nosográfico.*

O ensino para PINEL, ao lado de sua aguçada visão clínica, sempre foi marcante em sua vida. Chegou a chefiar a cadeira de Higiene e Física Médica em 1794, na recém criada Escola de Saúde de Paris.

Embora PINEL e os seus confrades Ideólogos procurassem mudar o que estava estabelecido e serem ávidos por inovações, freqüentemente voltavam a HIPOCRATES, que entendia a doença como um fenômeno natural no contexto de outras forças naturais, considerando o meio ambiente do paciente, a sua ocupação, seu histórico, incluindo, em suma, não apenas a saúde, mas também a natureza. Seria influência das vivências infantis, quando costumava caminhar dez milhas, de sua casa até a escola, pelas montanhas e campos da cidade onde nascera?

PINEL dizia-se influenciado por SIR FRANCIS BACON, por D'ALEMBERT e por WILLIAM CULLEN, cuja obra, deste último, traduziu.

Sua formação humanística voltada para a adequação do homem ao seu meio ambiente, levou-o a concepção de que para ser um bom médico era preciso muito mais auxiliar o doente em adequar-se à natureza e ao meio social do que intervir com drogas pesadas. (É preciso lembrar que o arsenal farmacêutico à época era pequeno.) PINEL também condenava as sangrias e a miscelânea de remédios. Para ele o paciente hospitalizado era uma pessoa que tinha sido arrancada de seu ambiente natural e portanto, por melhor que fosse tratado, sempre havia o desconfortável. A limpeza, a higiene pessoal, quartos particulares, cadeiras cômodas, horas livres de visitas, passeios e exercícios, eram indispensáveis para o restabelecimento do equilíbrio físico-mental. De 1784 a 1790 PINEL publicou, na *Gazette de la Santé*, uma série de artigos intitulados *Hygiene*, que pretendia compilar em forma de tratado. Nesses escritos, considerava a tradição galênica e seus seis tópicos importantes para o equilíbrio da saúde: ar, alimentação, funções corporais, exercícios, sono, controle das paixões.

Admite-se que PINEL tenha se inclinado para a psiquiatria após 1784, quando um seu amigo íntimo de quem cuidava, após uma severa depressão, suicidou-se, o que teria levado PINEL a inclinar-se para a medicina mental. Quando nomeado para Bicêtre, no outono de 1793, PINEL já era grande conhecedor dessa arte, talvez uma das maiores autoridades de seu tempo.

Interessante notar que a revolução que causara em Bicêtre, desacorrentando os loucos que lá se encontravam, foi por influência direta de JEAN BAPTISTE PUSSIN (1746 - 1811), que, apesar de não ser médico, lá estava a cuidar dos loucos. PINEL, várias vezes, expressou o seu agradecimento a PUSSIN, reverenciando-o pelo talento e como pessoa que ensinara a cuidar dos doentes mentais.

Em verdade, quem de fato tirou as correntes dos alienados mentais foi PUSSIN (PINEL era o diretor do hospício), consoante recente descoberta do *Observation of M. Pussin on the insane*. Trazido à luz por DORA WEINER, explica o método de PUSSIN em detalhes: *Pussin tratava os doentes mentais com carinho, insistia que seus assistentes não os maltratassem nem batessem e sistematicamente despedia as enfermeiras que o de-*

sobedeciam. Foi ele que libertou os loucos das correntes de Bicêtre, em junho de 1797 e passou a usar camisas de força para pacientes violentos e não controláveis.

PHILIPPE PINEL escreveu uma obra clássica da psiquiatria: *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale*, em 1801, reeditado em 1809 (*"entièrement refondue et très-augmentée"*). Essa última edição é composta de 494 páginas, mais 32 de prefácio e introdução. O corpo da obra tem 397 parágrafos, divididos em sete sessões seguintes: *1ª sessão*: as causas da alienação mental; *2ª sessão*: as características físicas e morais da alienação mental; *3ª sessão*: distinção das diversas espécies de alienação; *4ª sessão*: regras de viver nos estabelecimentos consagrados aos alienados; *5ª sessão*: resultados de experiências antigas e modernas sobre o tratamento médico dos alienados; *6ª sessão*: resultado de observações e quadro estatístico sobre o grau de probabilidade de cura dos alienados; *7ª sessão*: casos incuráveis de alienação por vício de conformação ou outras causas.

O *Traité* é de orientação dualista e embora contenha idéias que outros dualistas já haviam esboçado (TUKE, DAQUIN, CHIARUGI), é um marco na história da psiquiatria, porquanto é a primeira grande obra sistemática que aduz à definição de loucura o desarranjo das funções mentais, mais precisamente, as morais e intelectuais. Essa doutrina, à época, não teve expressivos seguidores. Quanto à prática terapêutica, essa sim, as mudanças foram imediatas e praticamente não houve centro psiquiátrico no mundo que não sofresse as influências do genial médico. A fama de PINEL corria o mundo, e por onde passava, deixava a sua marca irreversível: os loucos já não eram mais aquelas figuras abomináveis e temidas dantanho, mas sim doentes mentais a necessitar de tratamento médico. PINEL é reconhecido como o primeiro a escrever histórias de casos "simpáticas e eloqüentes, retratando o doente mental como homens e mulheres desafortunados, merecendo respeito e compaixão." Curiosamente, foi médico de Napoleão Bonaparte.

Guido Arturo Palomba é Diretor Cultural da APM e Presidente Eleito da Academia de Medicina de São Paulo

Origem da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto: lenda e fato

Fábio Leite Vich

Toda história comporta lendas e fatos. As coisas imbricam-se tanto que torna-se, quase sempre, impossível uma separação entre ambos. Pode ter sido assim na iniciação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Uma posição incontestável é que sua instalação e funcionamento era uma das grandes aspirações da região e da cidade e uma necessidade do estado de São Paulo.

Em 1947, um médico colocou-se em campanha para retornar ao comando da antiga província. Era um político mais que um facultativo. Trazia muitas das tradições interioranas. Nasceu em Piracicaba, cidade do interior do estado de São Paulo, num dia 22 de abril de 1901, rebento de uma família muito abastada. Graduara-se médico na década de 20, pela Faculdade Nacional de Medicina, situada no Rio de Janeiro, seguramente a mais procurada e das de maior respeito da época. Com esperanças familiares estagiou no exterior, com residência em Berlim e cursos em Paris, Londres e Viena. Pouco clinicou, embora muito bem treinado em Urologia.

Foi enlaçado pela política e abandonando definitivamente a medicina, eleger-se deputado em 1934. Conheceu Getúlio Vargas em 1938, ambos em férias em Poços de Caldas. Foi convidado pelo comandante dos destinos do Bra-

sil, a assumir a interventoria de São Paulo, o que fez no ano seguinte. Sua administração enfrentou os percalços da época e em 1941, abandonou o posto.

Com o país retomado a democracia, candidata-se em 1947 para o governo do estado. Acumulou seguidores e opositores. Era carismático e decidido. A classe médica via em sua pessoa um político experiente e propulsor do progresso. Nesta condição, visitou Ribeirão Preto, um candidato buscando um retorno. Era época dos comícios e na Praça XV de Novembro, histórico logradouro da urbe, condiciona sua vitória na urbe e no estado com a instalação da Universidade do Interior na cidade. Faz a mesma promessa em São Carlos.

Nenhuma das duas cidades foi aquinhada com o prometido. O problema atingiu a assembléia legislativa que decidiu implantar uma escola de medicina em Ribeirão Preto e uma de engenharia em São Carlos. Ribeirão Preto, já tinha infra-estrutura para albergar uma escola médica. Possuía colégios e escola superior. Era centro médico de respeito e mantinha uma economia pujante. As forças culturais, imprensa e rádios posicionaram favoravelmente. Houve ressonância na esfera da política estadual e da Universidade de São Paulo.

Zeferino Vaz era conselheiro universitário e em 1951, foi encarregado pelo Conselho da USP e pelo governo do estado de São Paulo a instalar a instituição. Além da

interiorização do ensino médico, toda a região leste do estado poderia beneficiar-se. A escola foi concebida com uma série de inovações em relação às demais escolas médicas brasileiras. A estrutura didática, visou uma redução do número de cátedras, a técnica de ensino foi alterada, definiu-se uma carreira docente, o tempo integral foi instituído como obrigatoriedade, estimulou-se a pesquisa e enfatizou-se o ensino de psicologia médica e valorizou-se o centro de saúde e um hospital-escola próprio.

Alguns nomes de envergadura na prática e docência médica do exterior e do Brasil foram escolhidos para a tarefa. Aceitaram e foram nomeados. A cidade e a USP cerraram fileiras em torno do projeto. Havia outro governador, ex-professor universitário da mesma Universidade e aquilo que era no início apenas um sonho, tornou-se realidade.

Em 1952, houve os primeiros exames vestibulares e em 17 de maio do mesmo ano, o governador Lucas Nogueira Garcez, proferiu a aula inaugural da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, que também intencionava ser um marco do ensino médico no Brasil.

Fábio Leite Vichi é professor Associado de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e Universidade de São Paulo.

LANÇAMENTO DE LIVROS

Já era hora de vir à luz um livro que pusesse os pingos nos "ii" sobre a polêmica questão da eletroconvulsoterapia (ECT), que ainda é tida, por ignorância, desinformação e preconceito, como método de cura primitivo, doloroso, violento ou associado a algum tipo de punição. Nada disso, a ECT é o melhor método de tratamento para determinadas situações psiquiátricas, e pode ser administrado para crianças de tenra idade e para pessoas bem idosas, desde que, é óbvio, seja aplicado por médicos competentes e que haja indicação precisa. SÉRGIO PAULO RIGONATTI e MOACYR ALEXANDRO ROSA publicaram, pela Lemos Editorial, o livro "Indicação e Prática da Eletroconvulsoterapia", obra fundamental para ser lida pelos psiquiatras, psicólogos, e pelos ignorantes e preconceituosos que falam mal dessa importante ferramenta psicoterápica.

MARCELO PUSTIGLIONE lançou, pela Typus, a bíblia da homeopatia: "Moderno Organon da Arte de curar, de Samuel Hahnemann", baseado na 6ª edição, dos originais, que só veio à luz em 1921. A obra de Pustiglione facilita o leitor para pesquisas e para a compreensão do texto, nem sempre fáceis, considerando que Hahnemann viveu de 1755 a 1843, e o texto e as colocações são dessa época. O que o autor do "Moderno Organon" faz é, através dos comentários dos parágrafos originais, facilitar a compreensão do leitor, deixando o conteúdo mais didático, transformando o complexo em simples.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:

Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Duílio Crispim Farina (presidente);
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato
João Marques Teixeira
Yvonne Capuano

Cinemateca:

Wilmer Botura Júnior

Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina:

Jorge Michalany